

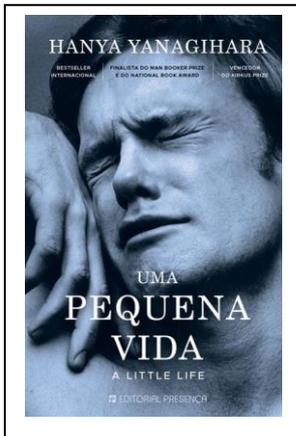
## [Uma pequena vida] [Hanya Yanagihara]



### [Hanya Yanagihara] Biografia:

Hanya Yanagihara é uma romancista, editora e escritora de viagens americana. Ela cresceu no Havaí. Ela é mais conhecida por seu romance best-seller Uma Vida Pequena, que foi selecionado para o Booker Prize de 2015, e por ser a editora-chefe da T Magazine. Autora de The People in the Trees, Uma Pequena Vida - A Little Life e To Paradise, Hanya Yanagihara vive em Nova Iorque.

### Sinopse de [Uma pequena vida]



*Este é um dos mais espantosos, desafiadores, perturbadores e profundamente comoventes romances publicados nas últimas décadas: um épico sobre o amor e a amizade no século XXI, que visita alguns dos lugares mais assustadores onde a ficção já se aventurou; um livro que, desafiando explicações e todas as probabilidades, emerge do lado da luz.*

*Quatro colegas de uma pequena universidade do Massachusetts mudam-se para Nova Iorque para começar a vida adulta. Sem dinheiro e em busca de um caminho, contam apenas com as suas ambições e com a amizade que os une. Bonito e generoso, Willem tenta vingar como ator; nascido em Brooklyn, inteligente e mordaz, por vezes cruel, JB quer afirmar-se como pintor na cena artística de Manhattan; Malcolm é um arquiteto frustrado com o seu trabalho num ateliê de renome; e Jude, brilhante, enigmático e fechado, é o centro de gravidade do grupo.*

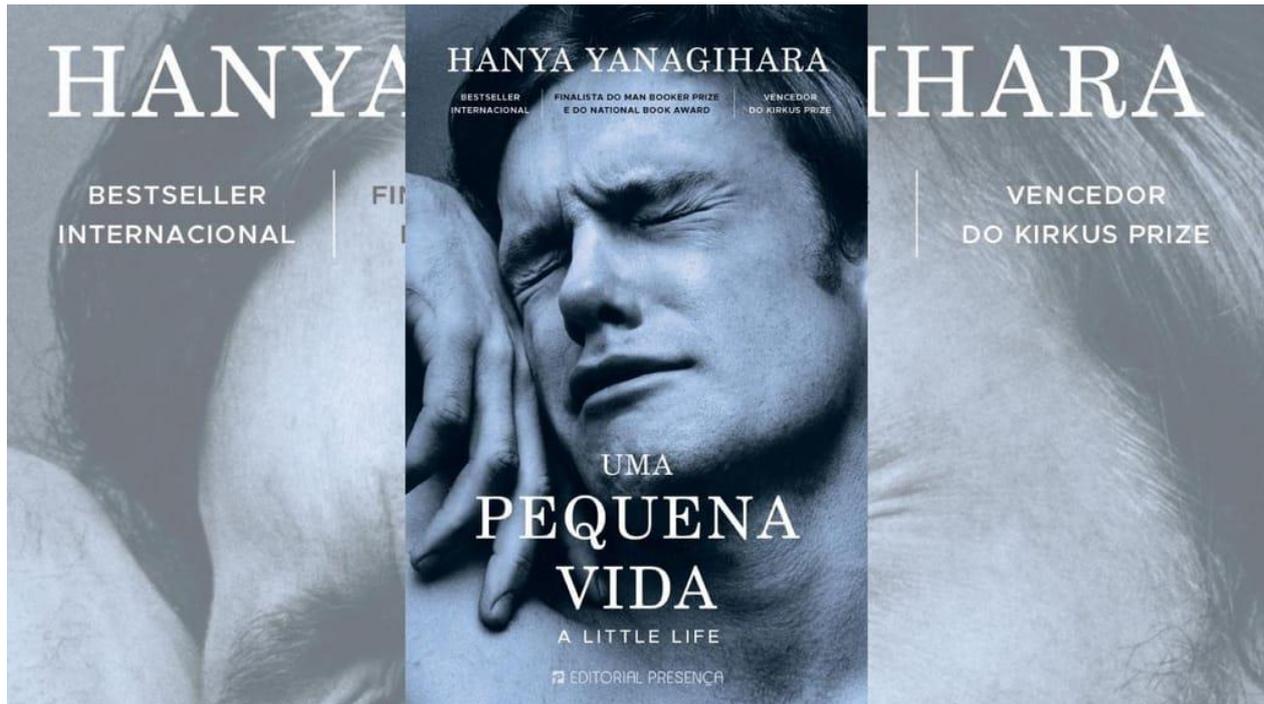
*Ao acompanhar os quatro amigos durante décadas, vemos como as suas relações se aprofundam e ensombram, marcadas pela dependência, pelo êxito e pelo orgulho. Porém, o seu grande desafio, compreenderão eles, é Jude, que se torna um advogado temido pelos seus pares, mas que é um homem cada vez mais destroçado, física e psicologicamente marcado por uma infância inimaginável e perseguido por um passado traumático que teme jamais conseguir ultrapassar.*

*Numa escrita resplandecente, magnífica e assombrosa, Hanya Yanagihara compõe um hino trágico e transcendente ao amor fraternal, revela o sofrimento e o desgosto de forma ímpar, e retrata a tirania da memória e dos limites da capacidade humana para resistir.*

# “Uma pequena vida”: o livro odiado e amado chegou a Portugal

Agência Lusa , AM / CNN

18 nov 2022



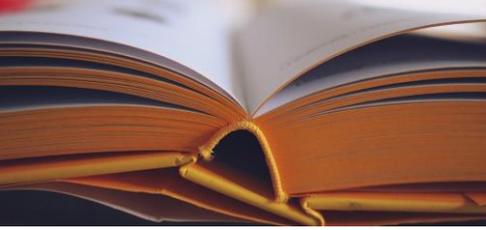
Há quem diga que "os abusos e o sofrimento que a autoria do livro coloca sobre o seu protagonista não são necessários, nem do ponto de vista humano, nem do ponto de vista artístico" porque "confunde angústia e êxtase, prazer e dor". Mas há também quem o considere "deslumbrante", "belo": "este romance pode deixar-nos perturbados, consumir-nos, tomar conta da nossa vida – e há, no meio do negrume e da brutalidade, beleza"

O aclamado e polémico romance “Uma pequena vida”, da escritora norte-americana Hanya Yanagihara, descrito como “imensamente poderoso e desolador do amor fraternal e dos limites da resistência humana”, chegou na quarta-feira às livrarias portuguesas editado pela Presença.

Lançado nos Estados Unidos em 2015, entre prémios e polémicas, “Uma pequena vida” marca a estreia em Portugal da autora Hanya Yanagihara.

Esta é a história de quatro colegas de uma pequena universidade de Massachusetts que se mudam para Nova Iorque para começar a vida adulta.

O livro abre com a descrição da procura de um apartamento por dois dos amigos e dos encontros dos quatro para almoços num restaurante asiático de duvidosa qualidade, que os deixa indispostos mas que é barato o suficiente para conseguirem pagar.



A incapacidade de alugar um apartamento ou um quarto – mesmo descritos como “ninhos de ratos” - por dois dos protagonistas apresenta logo ao leitor as dificuldades financeiras por que passam e a ausência de rede familiar.

Os outros dois amigos têm apoio parental, não obstante viverem, um deles ainda com os pais e o outro numas águas furtadas “imundas” de uma construção inacabada de um colega de faculdade.

A narrativa acompanha os quatro amigos ao longo de décadas, mostrando como as suas relações se aprofundam e escurecem tingidas pela dependência, pelo sucesso e pelo orgulho.

Sem dinheiro e em busca de um caminho, contam apenas com as suas ambições e com a amizade que os une: bonito e generoso, Willem tenta vingar como ator; nascido em Brooklyn, inteligente e mordaz, por vezes cruel, JB quer afirmar-se como pintor da cena artística de Manhattan; Malcolm é um arquiteto frustrado com o seu trabalho num ateliê de renome; e Jude, brilhante, enigmático e fechado, é o centro de gravidade do grupo.

Como eles próprios perceberão ao longo do tempo, o grande desafio destes amigos é Jude, que se torna um advogado temido pelos seus pares, mas que é um homem cada vez mais destroçado, física e psicologicamente marcado por uma infância inimaginável e perseguido por um passado traumático que teme jamais conseguir ultrapassar.

“Uma pequena vida” está dividido em sete partes – “Lispenard Street”, “O pós-homem”, “Retosques”, “O axioma da igualdade”, “Os anos felizes”, “Querido camarada”, “Lispenard Street” - e segue uma narrativa cronológica, intercetada ocasionalmente por ‘flashbacks’.

À medida que o enredo se vai desenvolvendo, o foco da história vai-se centrando gradualmente em Jude, nas suas experiências e nas interações das outras personagens com ele.

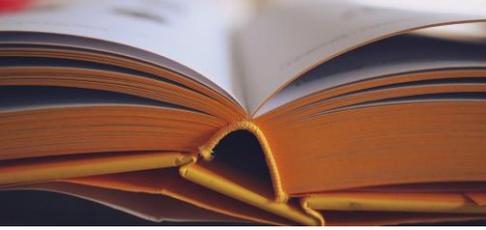
A dada altura, o texto passa a ser pontuado por uma narração na primeira pessoa, feita no futuro por uma outra personagem, de nome Harold.

A obra foi amplamente aclamada pela crítica, apesar da sua extensão – tem 685 páginas - e da crueza e crueldade do tema que trata, e foi elevada a candidata de vários prémios literários, tendo sido finalista do Prémio Booker, do Prémio Baileys for Women's Fiction, do National Book Award For Fiction norte-americano, e vencedora do prémio de Livro de Ficção do Ano do British Book Awards.

Mas assim como teve apoiantes, o livro também teve alguns detratores, sobretudo devido à dureza da história, que muitos acharam excessiva, como foi o caso de um crítico da New York Review of Books, que obrigou o editor da versão original americana a saltar para as páginas da mesma revista em defesa da autora.

O jornal The Guardian, que na altura noticiou a polémica, classificou-o como “um livro incomparável, único, cuja leitura nos devasta – e o nosso coração sai maior destas páginas”.

A revista The New Yorker escreveu que “este romance pode deixar-nos perturbados, consumir-nos, tomar conta da nossa vida – e há, no meio do negrume e da brutalidade, beleza”.



A revista The Atlantic considerou-o “deslumbrante e surpreendente”, a The Economist descreveu-o como “fascinante” e o The Times Literary Supplement afirmou tratar-se de “um romance de enorme intensidade”.

Contudo, o crítico e escritor Daniel Mendelsohn, autor da trilogia "Os Desaparecidos", "Uma Odisseia" e "Três Anéis", considerou na New York Review of Books que "os abusos e o sofrimento que Yanagihara coloca sobre o seu protagonista não são necessários, nem do ponto de vista humano, nem do ponto de vista artístico", e que "o romance de Yanagihara engana, ao confundir angústia e êxtase, prazer e dor"

O editor, Gerald Howard, respondeu que “a arte é um elaborado jogo de trapaça, mas cujas técnicas são concebidas para nos conduzir gradualmente para um reino de autêntica emoção e uma felicidade estética, o que justifica a trapaça”.

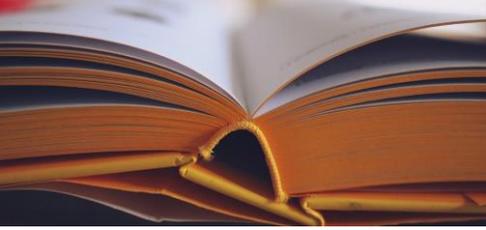
Questionou ainda se teria sido “enganado” pelos autores quando sentiu vontade de chorar ao ler romances de Charles Dickens ou o “Stoner”, de John Williams, respondendo de seguida que, se assim for, quer continuar a ser “enganado” muitas mais vezes no futuro.

Daniel Mendelsohn contra argumentou que o próprio Howard admitira, numa entrevista que deu à Kirkus Reviews ainda antes de o livro ser publicado, que o sofrimento de Jude era demasiado para qualquer pessoa aguentar.

“Uma pequena vida” é o segundo romance da escritora Hanya Yanagihara, que se estreou com “The people in the trees”, em 2013, e publicou já este ano “To paradise”.

No início do próximo ano, a autora será uma das convidadas do programa “Meet the Author”, promovido pela Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD), com o objetivo de proporcionar aos leitores portugueses um contacto próximo com alguns dos mais conceituados escritores americanos da atualidade.

O programa arrancou em setembro com o escritor Colson Whitehead, a quem se seguiu o jornalista da The New Yorker Joshua Yaffa, com um livro sobre a sociedade russa no regime do Putin.



# “Uma pequena vida”: uma lição de (des)humanidade e de esperança

AveiroMag 2 abr, 2023

Filipa Matias Magalhães\*

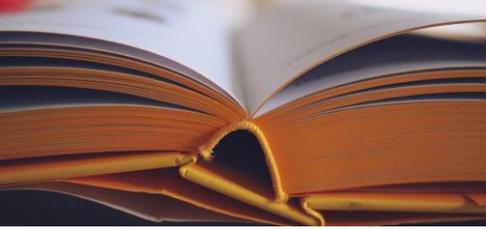
Confesso-vos que este foi, sem dúvida alguma, um dos melhores livros que já li em toda a minha vida. Uma surpresa e um livro que sei que nunca vou esquecer!

Não conhecia a Hanya Yanagihara e fiquei maravilhada com a sua escrita intensa e tão dura e real, quanto envolvente e emocionante. Só mesmo uma escritora com um talento gigante é capaz de descrever acontecimentos e sentimentos tão profundos de forma a transportar o leitor para a pele e alma dos protagonistas. Foi uma leitura muito intensa e que me trouxe muitas vezes lágrimas aos olhos e uma dor no coração, mas conhecer todos estes sentimentos é bom para nos reavivar o conhecimento dos limites (ou a ausência deles) da crueldade humana e, sobretudo, do poder da esperança. E o poder das pessoas boas, da amizade e do amor. Retiro do livro um elogio da bondade e do seu poder por oposição a tudo o que o ser humano tem de mau. E levo também esta mensagem da importância de acreditar em nós e nos dias melhores que virão, por muito que possam tardar em vir.

O livro “Uma pequena vida” ainda não teve o destaque e os prémios que merece, mas garanto-vos que, se a autora não ganhar um dia o Prémio Nobel da Literatura, será uma tremenda injustiça, pois o talento dela é enorme, muito maior do que a dimensão do livro – e estamos a falar de um livro de mais de 700 páginas em que a dificuldade é parar de ler. Até à data, este livro já foi selecionado para o Prémio Man Booker de ficção de 2015, ganhou o galardão do Prémio Feminino de Ficção em 2016, do Prémio Kirkus de ficção em 2015, tendo ainda sido selecionado para o prémio do National Book Award. Mas estou certa de que terá muitos, muitos mais, prémios e menções honrosas e que vai marcar de forma profunda todos os que se atreverem a lê-lo, como espero que seja o vosso caso.

Mas chega de títulos, porque este livro é muito mais do que isto. Este foi aquele livro que, apesar de saber que cada página me ia perturbar e deixar profundamente incomodada, aguardava todos os dias com ansiedade pela hora de me refugiar nesta leitura e conhecer mais um bocadinho da história de Jude e de todos aqueles que lhe permitiram, em escassos momentos da sua vida, esquecer o duro passado que resiste a contar.

São mais de 700 páginas que relatam uma vida duríssima (tão dura que até duvidamos que possa ser real – e a autora é brilhante por conseguir entrar na pele e na cabeça do protagonista e nos fazer sentir o seu sofrimento, inclusivamente a dor física, dilacerante!). É o relato de



acontecimentos protagonizados por seres humanos monstruosos e da destruição que causam na vida de quem tem o azar de se cruzar com eles e de como é difícil viver e ter esperança num contexto de sofrimento, maus tratos e abusos e ausência de tudo, até de uma família e do amor que todos merecem... Jude teve uma infância, adolescência e juventude onde tudo falhou, tudo mesmo! Mas a amizade vem, embora tardia, e chega com toda a bondade e verdade que as amizades genuínas têm e a sua capacidade de regenerar o possível e de trazer aquela luz possível a um contexto de trevas.

E, por isso, este livro é também, e sobretudo, um livro sobre o poder (enorme!) da amizade e do amor, que emergem, embora de forma ténue, das trevas e do lado negro (muito negro) da humanidade. Vale muito a pena conhecer a história de Jude e dos três amigos que conhece na Universidade em Massachusetts e que juntos, se mudam para Nova Iorque, onde começam a sua vida adulta.

O poder da amizade e da sua capacidade regeneradora é, de facto, uma das mensagens mais presentes neste livro, não só pelos momentos vividos por estes quatro amigos e outros que os rodeiam, mas também pelas mensagens constantes sobre a importância da amizade. “Vou dizer-te uma coisa que possivelmente não vais entender, mas talvez entendas dentro de uns anos. A amizade tem um único segredo, acho eu: encontrarmos pessoas melhores que nós. Não me refiro a pessoas mais espertas ou mais fixes, mas sim a pessoas mais bondosas, mais generosas, mais capazes de perdoar. Nessa altura, compete-nos saber aprender com elas, tentar escutar quando nos dizem algo sobre nós mesmos, seja uma crítica ou um elogio, e confiar nela, que é o mais difícil. Mas também é a maior recompensa.”

Revi-me totalmente nestas palavras, pois também eu considero que a amizade tem, tal como o amor verdadeiro, o poder de nos tornar melhores.

A construção das personagens que integram este núcleo de amigos, é muito interessante até pela oportunidade que nos dá de conhecer e refletir sobre muitos dos problemas da sociedade e da juventude. Cada amigo é, e representa, um traço, característica ou problema da sociedade sobre o qual é importante refletir e a autora – embora claramente o livro seja essencialmente sobre a vida de Jude – conta-nos as histórias e a vida dos seus amigos e faz com que estas histórias satélite sejam, também elas, extremamente ricas.

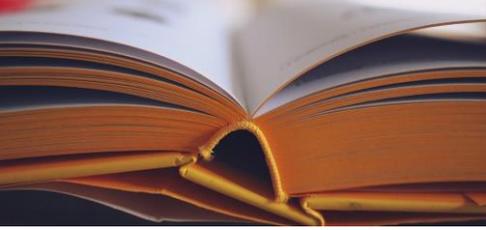
Jude, apesar da dureza da sua infância e juventude, tornou-se um aluno brilhante e um ser humano de uma enorme generosidade para com os seus e os que dele precisam, de uma dedicação singular, embora muito complexo e reservado e, no campo profissional, revela-se extremamente combativo e lutador. Jude refuta a ideia de que os abusados se tornam, necessária e inevitavelmente abusadores... não foi assim com Jude e, por isso, este livro é também uma história da vitória do bem e uma luz de esperança na bondade dos seres humanos – pelo menos, de alguns. O mais próximo de Jude, talvez pela sua infância menos feliz também, é Willem, por quem Jude se vem a apaixonar e os dois vivem uma história de amor e dedicação das mais bonitas que já li e vi. À semelhança de Jude, também Willem teve um início de vida duro, mas graças ao seu sonho sempre presente, ao trabalho árduo, resiliência, talento e beleza, tornou-se um ator brilhante, muito reconhecido e requisitado. De comum têm o facto de Jude nem sequer ter conhecido os pais, enquanto Willem, apesar de os ter conhecido, sempre teve uma relação muito distante e pouco afetuosa com eles e esse traço em comum dos dois permite-

nos refletir sobre o papel dos pais no crescimento e na estrutura dos filhos e da falta que nos fazem.

A composição deste grupo é interessante também pelo facto de ter dois amigos com origens mais desfavorecidas e outros dois que vêm de um mundo privilegiado e se as diferenças financeiras e de estatuto social não os distanciam, a verdade é que as diferenças e os complexos que as mesmas determinam, estão presentes na sua vida. O terceiro amigo é JB, um jovem mimado pelas mães e pelas tias (ficou órfão de pai cedo), inteligente, mordaz e mais cruel do que Jude e Willem (embora a vida não lhe tenha trazido as amarguras que trouxe aos outros dois), que se afasta dos amigos a dada altura quando se afunda no vício das drogas. Também aqui é muito interessante a luta dos amigos e a sua persistência para o “recuperar” mesmo quando este parece tê-los abandonado. Esta é mais uma das provas de fogo desta bela e resistente amizade a quatro que resiste a mais esta prova de fogo e libertam JB do vício. O quarto elemento do grupo, possivelmente o mais equilibrado, menos complexo, mas o que traz serenidade e união a todos é Malcolm, um arquiteto de famílias privilegiadas e a quem o privilégio financeiro colocou a salvo da discriminação racial – que, fosse ele pobre, sabe bem que seria inevitável. Mas apesar de tantos privilégios e de uma vida tao ausente de problemas, Malcolm é dono de uma enorme sensatez e de uma grande dedicação e é, em tantos momentos da vida de todos, o elemento aglutinador. Cada um tem um papel e lugar especial no grupo dos quatro. Como Jude diz, “Na instituição, depressa aprendera que há três tipos de rapazes: os que começam a luta (JB); os que não lutam, mas também não vão chamar um adulto para lhe por fim (Malcolm); e os que tentam ajudar a vítima (sendo esse o tipo mais raro e aquele a que Willem obviamente pertencia.)”. E são todos, e outros amigos que os rodeiam, essenciais na história e na vida de Jude.

E se comecei por vos falar na mensagem mais bonita do livro, porque precisei de me agarrar a essa parte para conseguir suportar a parte dura - talvez dos livros mais duros que li – deste livro, não posso deixar de falar neste outro lado do livro que, acredito, possa fazer com que alguns hesitem quanto à sua leitura. Mas privarem-se da leitura deste livro fabuloso com receio do que a mesma vos possa fazer sentir será como provarem-se do amor, com receio das desilusões que este comporta. Não o façam!!! Deem a vocês próprios este presente que é experienciar a dureza e a beleza do ser humano e de tudo aquilo que a vida nos faz sentir.

Tenho a perfeita noção de que há vidas muito duras e que há pessoas a quem a vida traz muita tristeza e dificuldades praticamente desde o início. A autora tem a generosidade e cuidado de não nos contar logo a história toda de Jude, fazendo com que esta se revele aos poucos e de forma intercalada com outras histórias e acontecimentos que nos dão o balão de oxigénio necessário para o que se segue, mas foi chocante ir juntando os pedaços da vida de Jude – órfão que é criado num mosteiro, foge desse lugar à procura de uma vida melhor, mas a vida ainda foi pior, é levado para uma casa de acolhimento onde o pesadelo continua e depois vive em famílias de acolhimento – e perceber que ao longo da sua vida, o abuso sexual e os maus tratos foram uma constante, quase sempre perpetrados por aqueles em quem depositou confiança e que dele abusaram de uma forma hedionda e desumana. Porque esta é, tantas vezes, a triste realidade. Acreditem que, poucos foram os episódios da vida real ou ficcionada que me revoltaram tanto e me fizeram ter tanto a noção de que há pessoas muito más (mesmo muito más), com uma mente distorcida e que não têm a menor empatia e amor no coração. Jude contraria o estereótipo de que os abusados se tornam abusadores. Jude cresce e torna-se uma pessoa boa, solidária, dedicada aos amigos, para além de se ter tornado um advogado genial (com um curso em



matemática aplicada para se entreter). Mas Jude é, sobretudo, uma pessoa profundamente destroçada, a quem a vida deixou de herança doenças físicas e uma saúde mental completamente destruída. A ausência de esperança e a incapacidade de se aceitar como uma pessoa merecedora de coisas boas são, até mesmo para alguém com uma capacidade intelectual acima da média, difíceis de aceitar, porque o passado pesa muito e as marcas – inclusive as marcas físicas – que lhe deixaram, são impossíveis de esquecer.

É por isso que é tão difícil para Jude acreditar que a vida lhe pode ser boa: “Mas o que era a felicidade senão uma extravagância, um estado que é impossível de manter, em parte, por ser tão difícil traduzir por palavras? Não se lembrava de, em criança, saber definir a felicidade. Havia apenas a tristeza ou o medo e a ausência de um e outro, bastando-lhe a segunda.” Porque, por vezes, e sabemos que isto acontece com tantas vítimas, as pessoas acreditam ser merecedoras do mal que os outros lhe fazem e ser essa a sua “sina”, desconfiando das pessoas boas e das boas coisas que lhes acontecem, por se terem habituado à maldade. “Na vida, Jude, podem acontecer coisas boas a boas pessoas. Calma, não te assustes: não é ocorrência frequente como deveria ser. Mas, quando acontece, toca às boas pessoas limitar-se a dizer obrigado e seguir com a sua vida.”

Podia escrever-vos e falar-vos tanto deste livro, que amei desde o início até ao fim, pelos sentimentos que despertou em mim – e já vos disse, que nem sempre foram de felicidade e fé na humanidade – e também pelo que me fez pensar, pensar no ser humano, no que nos leva a ser o que somos e que faz com que alguns se desviem do seu lado humano e mergulhem na crueldade mais inumana. “Como se podia admitir que o Dr. Traylor e Willem eram a mesma classe de ser? Ou o padre Gabriel e Andy? Ou o irmão Luke e Harold? As características comuns ao primeiro grupo estariam presentes no segundo? Em caso afirmativo, o que levava o segundo grupo a fazer escolhas diferentes, o que os fizera decidir ser como eram? As coisas não se tinham simplesmente corrigido; dera-se uma reversão – a um grau quase absurdo. Não tinha nada e, de repente, descobriu-se a viver numa abundância quase indigna. Viria a lembrar-se muitas vezes do que Harold escrevera, que a vida compensa as perdas...”

Gostaria muito que lessem este livro... acreditem que daqui a uns anos será um livro de referência e espero também – porque os livros também têm esse poder transformador – um livro capaz de alertar para a sociedade doente que estamos a construir e para o sofrimento que causa a tantas e tantas pessoas. Se ler este livro fizer com que reforçemos a crença no amor e na amizade, e que estejamos mais atentos a todos os que precisam da nossa lancha de resgate, já estaremos a contribuir para um mundo mais bonito e pessoas mais felizes. “Em pequeno, sonhava com outros lugares e outras maneiras de viver, mas não conseguia visualizar nada disso. Ensinaram-lhe quem era e no que se tornaria e ele acreditou. Depois vieram os amigos, Ana, Lucien, Harold e Julia, que lhe imaginaram uma vida; que o viram de uma maneira muito diferente, como alguém que ele jamais se imaginara; que lhe permitiram acreditar em possibilidades que antes lhe teriam parecido inconcebíveis.”

Boas leituras e vemo-nos nas próximas páginas!

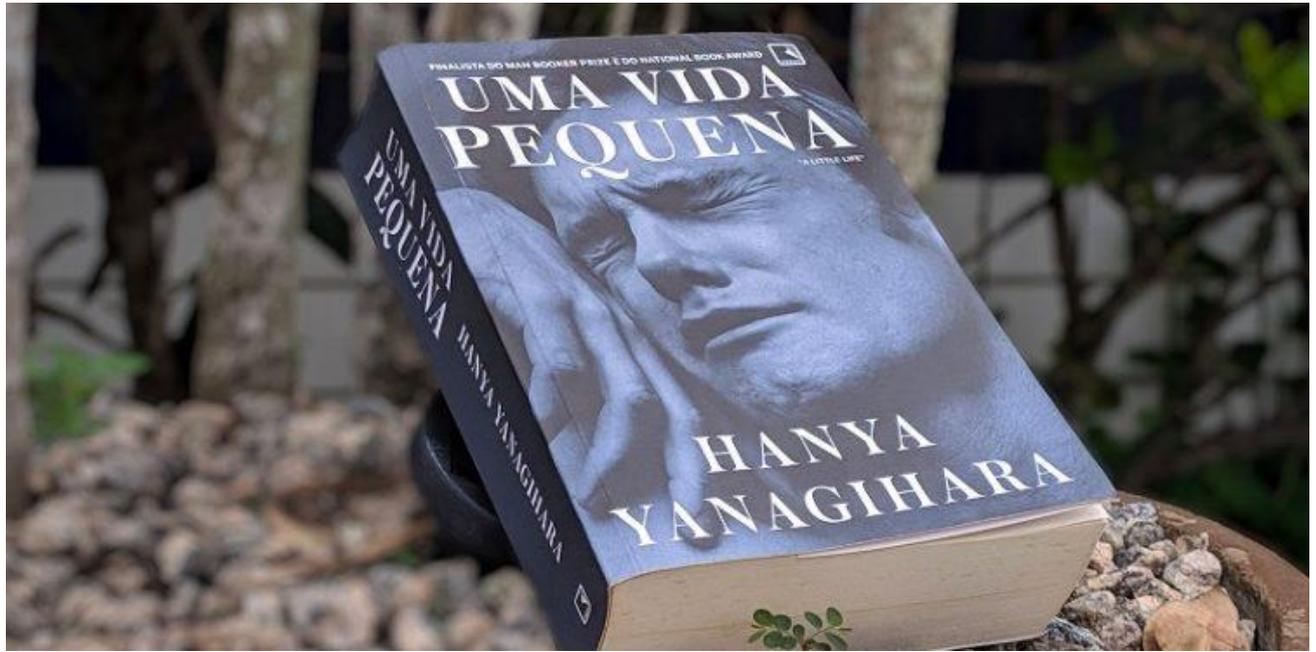
# Uma Vida Pequena: doloroso, avassalador e emocionante



por [Felipe Souza](#)

[12 de janeiro de 2024](#)

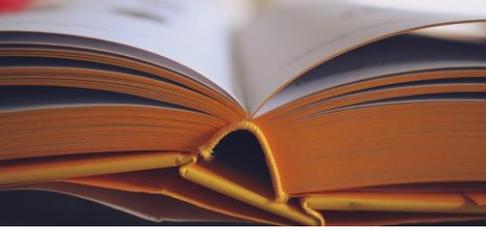
em [Sobre Livros e Leituras](#)



[Imagem: De Olho nas Letras](#)

*Uma Vida Pequena*, um romance escrito pela autora Hanya Yanagihara, foi lançado em 2015 e publicado no Brasil pela editora Record, narra a história de quatro amigos que se conheceram na faculdade. Com quase 800 páginas, a trama maior gira em torno do personagem Jude St. Francis.

No início do livro, Jude, Willem, Malcolm e JB são jovens e acabaram de sair da universidade em Massachusetts e estão vivendo em Nova York. Mesmo que sejam amigos, eles possuem personalidades opostas. Jude é calado, reservado e enigmático. Willem, o aspirante a ator, é a estrela. Malcom, um arquiteto frustrado. E JB, um pintor que deseja sempre ser o centro das atenções.



*“Amizade era testemunhar o lento gotejar de tristezas, as longas crises de tédio e os triunfos ocasionais do outro. Era sentir-se honrado pelo privilégio de estar presente durante os momentos mais sombrios de outra pessoa e saber que você também podia ter seus momentos sombrios perto dela.”*

A partir da escolha de um apartamento na *Lispenard Street*, acompanhamos o desenrolar da vida desse grupo durante o passar das décadas, com momentos felizes, tristes, descobertas, sonhos realizados, frustrações e, acima de tudo, muita dor. Mesmo com uma amizade de anos, nem todos os segredos de Jude são de conhecimento dos amigos.

O romance, sem dúvidas, é cruel e perverso. Apesar disso, é lindo. A cada página lida, você é destruído em mil partes. Porém, o amor fraternal que os quatro compartilham – e adição de personagens secundários – faz você querer continuar para descobrir o que vem pela frente.

De fato, *Uma Vida Pequena* não deve ser lido por todos. Um lista (gigante, diga-se de passagem) de gatilhos assola o desenrolar da trama. O quanto mais você descobre o passado de St. Francis, mais destruído o coração fica. Quando você acha que não pode piorar, piora (e muito).

O amor, que se torna romântico, entre Jude e Willem, vem para aquecer o coração de quem ler. E, posso dizer? É lindo, gentil e doce. O amor familiar que, por acaso, surge na vida de Jude com Harold e Julia é, sem sobra de dúvidas, a parte mais bonita de *Uma Vida Pequena*.

*“— Sou Willem Ragnarsson — diz ele. — E nunca vou desistir de você”*

O livro é a personificação da expressão “8 ou 80”. Amado por muitos, odiado por outros. Mas se você quer uma história avassaladora, vale a pena conferir o conteúdo desse monumento contemporâneo. Devo lembrar: procure a lista de gatilhos e veja se é apto para fazer a leitura.

# Entre prêmios e polêmicas, ‘Uma vida pequena’ chega ao Brasil

Livro de Hanya Yanagihara foi uma das obras mais comentadas da temporada americana

Eduardo Graça 19/09/2016 – O GLOBO



*A escritora Hanya Yanagihara Foto: Divulgação*

NOVA YORK — Hanya Yanagihara diz que não leu o texto de Daniel Mendelsohn, publicado na primeira semana de dezembro na “New York Review of Books”, sobre seu “Uma vida pequena”, finalmente lançado no Brasil, pela Record. Tampouco a resposta publicada por seu editor, Gerald Howard. Mendelsohn, um dos mais prestigiados ensaístas da crítica literária americana, classificou o livro de 720 páginas, vencedor do Kirkus Prize e indicado ao National Book Awards e ao Man Booker Prize, como uma narrativa manipuladora, que desvela violência, abuso sexual, pedofilia e suicídio num “striptease sádico”. E acusou a autora, num dos debates recentes mais intensos do mundo literário americano, de “desonestidade intelectual”. Howard saiu em defesa de Hanya, editora da revista de estilo do “New York Times”, estabelecendo paralelos estilísticos da obra com Nabokov e Dickens. Já popular e saudado, entre outros, pela “New Yorker” e pelo “The Observer”, como plataforma para o surgimento de uma nova e poderosa voz na ficção em língua inglesa, “Uma vida pequena” ganhou ainda mais atenção após a batalha nas páginas da “New York Review of Books”.

— Não leio críticas, pois elas jamais mudarão o modo como escrevo, e soube com desgosto que Howard tinha enviado uma carta-resposta à revista. É difícil comentar o que não li, mas achei estranho Mendelsohn ter iniciado este debate, por eu ter sido responsável pela divulgação de um de seus livros — diz a escritora de 41 anos, em sua sala no “New York Times”.

Para além desses bastidores, “Uma vida pequena” é original ao não oferecer concessões a leitores mais delicados. Também não cai na tentação de redenção de seu protagonista. É livro

que se lê de um fôlego só, até se descobrir o destino de Jude e a real extensão de sua tragédia pessoal. O título — em inglês, “A little life” — nasceu da ideia de que, especialmente em Nova York, diz Hanya, criada no Havai, “pensamos amiúde na vida dos indivíduos de um modo maniqueísta: há as que de fato contam em oposição às outras, anônimas, coadjuvantes”.

— Isso é uma falácia! — afirma a autora. — Nossas vidas todas são igualmente pequenas, sem exceção. E, no caso de Jude, trata-se de uma vida pequena em múltiplos sentidos, que o leitor vai descobrindo, de certa forma, juntamente com o personagem.

O livro é o segundo de Hanya. Antes, em “The people in the trees” (2013), ela se debruçou sobre as memórias fictícias de um ganhador do prêmio Nobel condenado por pedofilia, inspirado no físico americano Carleton Gajdusek (1923-2008). Este foi fruto de pesquisa dedicada, mais próximo da atividade jornalística da ex-editora da “Condé Nast Traveller”, função que a levou a explorar o litoral brasileiro e a se apaixonar pelo Nordeste (“Morei por um tempo em Trancoso, onde passei dias muito felizes”, conta). Já “Uma vida pequena” é resultado de uma “urgência de falar das novas famílias emergidas no corre-corre das capitais mundiais”.

O livro é centrado na vida de quatro amigos recém-saídos da universidade, com sexualidade ambivalente, em busca de sucesso profissional, amor e autoconhecimento em Nova York, e os acompanha até a aproximação da meia-idade, nos anos 10 do século XXI. Jude, J.B., Willem e Malcolm, no entanto, estão longe de ser uma versão masculina e contemporânea de “Sex & the city”. A autora quer tratar aqui da possibilidade real da criação de uma família formada exclusivamente por amigos na selva de pedra. E da evolução dos laços afetivos e românticos entre homens num aparentemente menos machista mundo contemporâneo ocidental. Jude e Willem vivem uma relação romântica, mas em nada convencional, com a exclusão, inclusive, do componente sexual. A inspiração da jornalista foi o grupo de que faz parte um de seus amigos mais próximos:

— Eles são meia dúzia de amigos, todos homens, alguns se conheceram na escola. E me impressionei ao perceber o quão importante para eles é o que o outro sente. Para eles, a amizade vale tanto investimento quanto um casamento ou a criação de filhos. A devoção está explicitada, e era ela que eu queria expor.

“Uma vida pequena” se torna aos poucos a história de Jude, deixando os outros três amigos no banco de trás de um carro desgovernado. Os atos mais violentos, explicitados de forma direta, buscam colocar o leitor na pele do protagonista. Foram eles, essencialmente, o sinal vermelho mais gritante para parte da crítica, suspeita de um exibicionismo gratuito. Agradável, de fala suave porém decidida, Hanya não se emociona com os que veem no sucesso profissional dos quatro amigos e no que Mendelsohn apontou como “a criação de um Jó” da Nova York atual por conta da impressionante sucessão de desgraças de Jude, um distanciamento ilógico não intencional da realidade:

— A estrutura do livro foi pensada para driblar o leitor. No início, você acha que é uma história de ficção típica de um subgênero que eu adoro, o pós-universidade. Mas na segunda parte você percebe que está no meio de algo próximo de um conto de fadas. O centro nervoso do livro, no entanto, não muda: é a caminhada de quatro homens jovens, que não foram treinados para demonstrar carinho e afeto entre si, em direção à vida adulta numa grande metrópole atual.

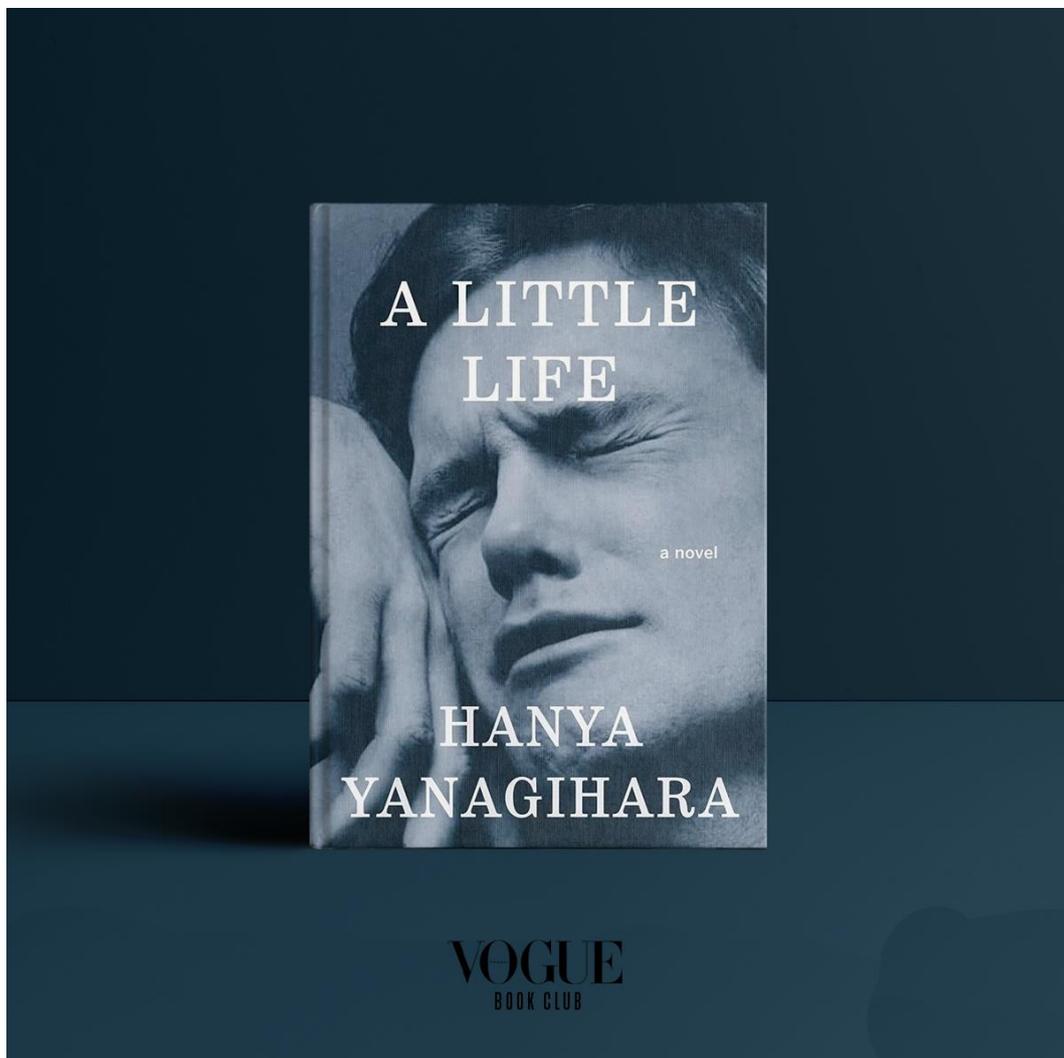
#VogueBookClub: *A Little Life*, de Hanya Yanagihara

VOGUE  
PORTUGAL

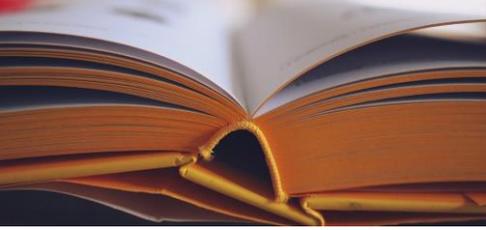
30 Nov 2021

By Joana Rodrigues Stumpo

Esta semana, o eleito do #VogueBookClub é o grande romance contemporâneo que parte qualquer coração.



Quando comecei a ler *A Little Life* admito que me senti intimidada pelas suas 720 páginas, mas rapidamente percebi que não seria uma leitura difícil. Fui avisada inúmeras vezes dos temas do livro, retratados da forma mais gráfica e destrutiva possível, mas nada me podia ter preparado para esta história.



É, sem sombra de dúvidas, o livro de uma vida, que começa nos verdes anos da adolescência de quatro amigos em Nova Iorque - Jude, Willem, Malcom e JB - e acaba já por volta do que podemos chamar de meia idade. Em quase quatro décadas de amizade, vemos os quatro crescer e atingir as suas ambições profissionais, mas não antes de os ver passar por traumas tão perturbadores que nem imaginava. Apesar disso, cada evento trágico é mais real do que o anterior.

Mais do que as histórias de cada um dos quatro amigos, a beleza em *A Little Life* está na escrita, tão deliciosa e fluida e verdadeira. O ritmo de Yanagihara é tal como aquele em que vivemos - os momentos agonizantes são aqueles que parecem durar semanas, enquanto que outros, desastrosos e inesperados, acontecem num par de segundos.

Absolutamente tudo neste livro me fez querer cobrir de mantas e fingir que nada é real. O coração parte de uma forma diferente em cada capítulo, e, quando achamos que mais nada pode magoar estas personagens que queremos proteger com as nossas vidas, Yanagihara surpreende e faz tudo doer.

Como uma jovem adulta, *A Little Life* foi como um vislumbre de como é ser um adulto e ter amigos, nesta tentativa de gerir a vida familiar, profissional e tudo o resto, correndo sempre o risco iminente de perder o que nem sabíamos que nos faz tanta falta. Jude, Willem, Malcom e JB, cada um tão diferente do anterior, têm as suas lições para aprender, e que acabam também por nos ensinar, mostrando sempre que, apesar das tragédias que nos acontecem, temos sempre o poder de escolher o que fazer com elas.

Não posso deixar de falar nos temas pesados deste livro, como abuso, pedofilia e agressão. Quanto a questões como suicídio ou auto mutilação, nunca me considerei uma pessoa particularmente sensível, mas confesso que as palavras incrivelmente visuais de Yanagihara tiveram em mim um impacto desmedido. Durante a minha segunda e última semana de leitura, não houve uma noite em que não tivesse sonhado um pesadelo perturbador e verdadeiramente horrendo (aliás, ainda ontem um deles voltou para me manter acordada). Passaram só uns dias desde que pousei o livro, mas suspeito que depois de *A Little Life*, dificilmente voltarei a ter um dia descansado, em que não pense em Jude. Uma leitura comovente, desoladora e, curiosamente, aconchegante, obrigatória para os que estejam dispostos a pegar nos pedaços de um coração partido.